

# Nota de Abertura

## I

*As Ciências Sociais e Humanas tendem regularmente a procurar modelos, garantias de rigor, que muitas vezes mais não são do que créditos de lugares e posições institucionais.*

*A Psiquiatria, em certos momentos (distantes?) forneceu uma linguagem, um código, que procurava tornar o humano inteligível, através da generalização de categorias que forjara no seu próprio «meio de cultura»: o Hospital, e mediante a constituição quase sistemática de uma ordenação de espécies em duas categorias essenciais: Nós e os Outros <sup>(1)</sup> (estes divididos, evidentemente, em subespécies).*

*E assim, se veio a «descobrir» a degenerescência do criminoso, a anormalidade das classes laboriosas, o infantilismo do Africano.*

*A clivagem normal/anormal, cara à Psiquiatria Tradicional, viu-se porém contestada por outras descobertas que vinham relativizar os conceitos psi-*

---

<sup>(1)</sup> A este movimento não é alheia, de resto, a Psicologia, que, através de «análises objectivas» e «estudos comparativos rigorosos» vem dar a necessária caução científica a este princípio de categorização universal da espécie: R. Cattell dirá: «A raça negra fundou uma cultura estável na África e na América, mas não contribuiu em praticamente nada para o progresso social e a cultura (...) Todas as noções religiosas e sociais cuidadosamente enxertadas no negro foram poderosamente adaptadas por ele e tornadas mais simples, mais grosseiras, mais emocionais. Cito este exemplo sobretudo para mostrar que, mesmo quando a raça é, pela sua própria constituição, naturalmente boa e amável, uma capacidade mental inferior implica um atraso, uma rusticidade e o peso morto do conservantismo (R. B. Cattell *The Fight of our National Intelligence*, P. S. King, Londres, 1937); ou K. Pearson: «Tal como não há igualdade entre homens de uma mesma raça, também não há, igualdade entre as raças» (Editorial, *Annals of Eugenics*, 1925, 1); os Africanos, pertencendo às «raças inferiores da espécie humana», «não produziram ainda uma civilização comparável à dos Arianos» (K. Pearson: *National life from the Standpoint of Science*, Cambridge University, Press, 1905) ... Ideias que fizeram longo curso nas ciências do comportamento, desde Galton a Eyzenck e a K. Lorenz (v. a este respeito M. Billing: *L'Internationale Raciste: de la Psychologie à la «Science des Races»*, F. Maspero, 1981).

*quiátrico-psicológicos de base, chamando-se a atenção, por exemplo, para o carácter paranóide das culturas melanésicas (Dobu), para a normalidade da homossexualidade nas culturas a berdache, para a dimensão megalomaniaca dos Kwakintl, etc. Tudo, afinal, é relativo: o Homem, a Cultura.*

*Paralelamente, embora em outros movimentos, foi-se firmando a ideia da morte do sujeito, que apenas existe, diz-se, na deriva do significante. À onnipresença do Ser-Humano — entendido na sua diversidade, ou visto como referenciado a uma centração branca, civilizada, ocidental — sucede-se a onnipresença da estrutura; à Razão (diversa ou centrada) sucede-se o Código. E agora, diante do Homem, acontece o sorriso: afinal não é ele pura ilusão que os últimos movimentos de descentração, mais ou menos copernicianos, trataram de demolir?*

*Depois desta des-Ilusão, uma nova imagem se procurou criar: não, feitas as contas, nem tudo é relativo; afinal nem tudo está nos códigos. O Homem é feito de outras verdades, mergulhadas na estrutura, sim, mas da sua massa orgânica, do seu cérebro, de seus genes. Existem núcleos específicos, património da espécie, universais.*

*O Homem, então, parece ser restituído, de uma maneira todavia tanto mais aparente quanto a sua universalidade, a sua especificidade era (é) estranhamente encontrada naquilo que ela teria de comum com os seus primos macacos, ou de próximo com outros animais. De facto, esta etologia teria realizado uma nova descoberta, tão espectacular quanto evidente: o Homem é também um Animal. Sucedem-se estas os Homini: Homo hierardicus, Homo territoriais, etc.*

## II

*A Etnopsiquiatria que nada tem a ver com a Psiquiatria Tradicional, cuja linguagem parece desacreditada, no plano teórico, e cujos procedimentos postos em causa, no plano prático, nasce precisamente no seio das Ciências Humanas, que vê como verdadeira Babel. Interessa-se precisamente pelas problemáticas acima referidas, reorganizando completamente as grelhas de análise relativas às noções universal/relativo, normal/patológico, e potencializando em paralelo a intervenção clínica mediante o que procura estabelecer como uma melhor compreensão do humano.*

*Para isso, começa por afirmar que, para atingir o Homem, necessário seria estudá-lo de vários pontos de vista, e com várias metodologias — não numa perspectiva interdisciplinar, mas pluridisciplinar<sup>(2)</sup>.*

*Por outro lado, considera que a realidade humana é inteligível, por meio da compreensão daquilo que nela há de universal. E esse universal encontra-o ela não no plano de analogias mais ou menos superficiais, mais ou menos*

---

<sup>(2)</sup> Trata-se de ter a todo o momento um duplo discurso (etnológico, psicanalítico), mantendo, todavia, a especificidade própria de cada uma, numa perspectiva não de fusão, mas de complementaridade (v. G. Devereux, *Ethnopsychanalyse Complementary*, Flammarion).

*escolhidas ad-hoc, mas no plano da Cultura e da estrutura e funcionamento psíquicos.*

No plano da estrutura e funcionamento psíquicos: *prématuridade do bebé humano; busca incessante do objecto («o desejo humano, contrariamente ao instinto animal, não conhece o seu objectivo. Indeterminado e nunca satisfeito, constrói-se através de uma «vagabundagem» e da escolha sucessivas que nunca são decididas de maneira autónoma pela criança, pois as escolhas são-lhe impostas de fora por uma ordem cultural que não pertence à vida mas à Lei»* <sup>(3)</sup>); *complexo de Édipo («que, estrutura universal da troca, constitui a criança como sujeito de uma relação com os seus progenitores e com a sociedade.»* <sup>(4)</sup>)...

No plano da Cultura, *pois tal universalidade é também encontrada na Cultura — vista não como facto exterior ou superior ao Homem, mas enquanto organização que lhe é inerente e considerada como um conjunto de defesas do Ego (G. Devereux) e como um conjunto de materiais a que recorrem os indivíduos e a sociedade para elaborar as suas experiências. Tais materiais, que são idênticos em toda a parte, formam o que Levi Strauss chama «capital comum»* <sup>(5)</sup> *que está à disposição da sociedade, «fundamentação inicial» a partir da qual o Homo Sapiens faz e escreve história* <sup>(6)</sup>.

A dupla universalidade, da Cultura e do Psiquismo, permite que a Psicanálise e a Etnologia se acolham mutuamente, ultrapassando as armadilhas que se deparam constantemente a quem se interessa pela primeira ou se ocupa da segunda. Assim, por exemplo, os que fundamentalmente estudam a cultura, encontram na Etnopsiquiatria a preciosa indicação de que o normal não se confunde com o institucional, podendo o patológico coexistir com lugares culturais perfeitamente definidos e integrados; os que essencialmente abordam o psiquismo e as suas perturbações descobrem na Etnopsiquiatria razões suplementares para se libertarem das suas escotomizações étnicas e para não transformarem as suas categorias, localizadas no tempo e no espaço, em Nosologias universais.

*Vê-se que um dos temas sobre os quais a Etnopsiquiatria mais se debruçou reside na polarização normal/patológico — insustentável quando se torna rígida, fluida quando abordado com cautelas verbais de tipo relativista.*

*De facto, a ideia de que o indivíduo que está adaptado ao meio em que*

---

<sup>(3)</sup> F. Laplantine: *Etnopsiquiatria*, ed. Vega.

<sup>(4)</sup> Idem.

<sup>(5)</sup> «Não existe, por exemplo, nenhuma sociedade conhecida que funcione sem uma concepção filosófica de existência, da origem e do destino do Universo, sem uma prática e uma teoria de manipulação do «sobrenatural» para atingir determinados fins, em suma: sem uma religião. Mas o que é ainda mais notável é que qualquer concepção religiosa do mundo se organiza a partir de categorias polarmente opostas que são em toda a parte rigorosamente idênticas: o sagrado e o profano, o alto e o baixo, o iniciado e o não-iniciado, o masculino e o feminino, o divino e o demoníaco, o uraniano e o quetoniano.» F. Laplantine, op. cit. (cf. a este respeito, também, M. Eliade: *Tratado de História das religiões*, ed. Cosmos).

<sup>(6)</sup> F. Laplantine — op. cit.

vive é normal conduz inevitavelmente a insuficiências de raciocínio e a erros de acção. Como diz de maneira polémica, G. Devereux, «em Abril de 1945 a tarefa do psiquiatra alemão estava realizado no dia em que o seu paciente aderisse ao partido nazi; em Novembro de 1945, realizava-se no dia em que o seu paciente se inscrevesse no partido democrata cristão (se vivia em Franqueforte no Main) ou no partido comunista (se vivia em Franqueforte no Oder)»<sup>(7)</sup>. Por outro lado, também «é evidente que se existem sociedades doentes, aquele que introjecta normas do grupo introjecta normas mórbidas; neste caso seria a rebelião e não a adaptação que funcionaria como verdadeiro sinal de saúde»<sup>(8)</sup>. Mas o erro de confundir adaptação com «normalidade» esquece também que existem formas patológicas de adaptação, nomeadamente de tipo sado-masoquistas, e que a desadaptação é mais uma consequência do que uma causa das perturbações mentais<sup>(9)</sup>.

E esquece ainda, reciprocamente, que um indivíduo perturbado pode desempenhar funções socialmente significativas, estando portanto adaptado, sem por isso deixar de ser considerado «anormal», mesmo por outros membros do próprio grupo.

Em suma, as equações normal = adaptado, anormal = desadaptado aglutinam dois conceitos de natureza diferente: um do âmbito da sociologia, outro de cariz essencialmente psicológico. E para desembaraçar semelhante nó, as teses culturalistas são insuficientes.

Contra os pressupostos relativistas, G. Devereux vem revelar, por exemplo que o Xamã é de facto um sujeito neurótico, embora exerça uma função social e esteja bem adaptado. Para compreender essa contradição aparente, Devereux considera que é necessário distinguir um inconsciente étnico, que inclui tudo o que a cultura obriga a recalcar, e um inconsciente idiosincrático. «Os conflitos neuróticos de Xamã estão localizados no sector do inconsciente étnico e não na porção idiosincrática da sua personalidade; é por isso que ele consegue controlar as suas pulsões e ritualizar os seus conflitos de acordo com as convenções do seu grupo cultural; mas existe ao lado deste inconsciente cultural (...) um outro inconsciente, (...) o dos neuróticos e psicóticos que viveram traumatismos culturalmente atípicos; neste caso, o grupo não pode fornecer mecanismos de defesa tradicionais»<sup>(10)</sup>.

No primeiro caso o conflito pertencendo sobretudo ao segmento étnico da personalidade, o sujeito pode parecer normal e estar adaptado ao meio social; no segundo caso, o conflito jogando-se sobretudo a nível idiosincrático, a imagem da anormalidade impõe-se de imediato.

A Etnopsiquiatria vem portanto revelar que as relações entre o Normal e o Patológico, a Adaptação e a Desadaptação, são muito mais complexas do que faziam pensar a psiquiatria tradicional e a etnologia relativista.

A sua influência não se limita porém a realizar remodelações nos qua-

---

(7) G. Devereux — *Essais d'Ethnopsychiatrie générale*, Gallimard.

(8) R. Bastide. *Sociologie des Maladies Mentales*, Flammarion.

(9) G. Devereux: Normal and Anormal: The Key Problem of Psychiatric Anthropology, The Anth. Soc. of Washington (ref. in Bastide, op. cit.).

(10) R. Bastide: op. cit.

*dros gerais de referência (de que apenas referimos, diga-se, dois aspectos: um relativo à problemática do Normal/Patológico, outro referido à divisão inconsciente étnico/inconsciente idiosincrático).*

*Ele exerce-se no próprio terreno da Psicoterapia, potencializando-a não só no terreno da intervenção terapêutica intercultural, mas também, como mostra, entre outros, T. Nothan<sup>(11)</sup>, no campo da relação psicoterapêutica entre indivíduos da mesma cultura. E isto não tanto por chamar a atenção para a importância de ter em conta a cultura na qual cada indivíduo se insere, mas essencialmente porque, numa perspectiva meta-etnológica, se interessa pelas categorias universais da cultura e pelos processos de desculturação, no que eles têm, igualmente de universal.*

*Por fim, não podemos deixar de afirmar, com F. Laplantine, que «a etnopsiquiatria psicanalítica tem a vocação de arrancar o neo-freudismo do seu trabalho doravante banal que visa à adaptação e ao reajustamento do indivíduo poluído psíquicamente e perturbado pelas nossas poderosas maquinarias socioeconómicas de alienação no interior do seu sistema eminentemente nocivo e destruidor para a saúde mental. Decididamente crítica e contestária, militando pela reculturação e pela re-simbolização reflectida e controlada das figuras contemporâneas de modernidade que, ela forma evidentemente, empobrecem psíquica e socialmente o Homem, (...), a etnopsiquiatria é também um combate passional<sup>(12)</sup>.*

*É como contributo para esse combate — contributo de certo de pouco alcance, mas, espera-se, com um mínimo de efeito — que surge o actual número de *Análise Psicológica*, para cuja elaboração contribuíram G. Devereux, fundador e mestre da Etnopsiquiatria, e alguns dos seus mais próximos discípulos.*

*Pensa *Análise Psicológica* participar assim, pelos meios ao seu alcance, para a renovação das problemáticas psicológicas, pelo menos no espaço que é o seu.*

FREDERICO PEREIRA, ÂNGELA VILA-REAL

<sup>(11)</sup> T. Nathan: Considerações Etnopsiquiátricas sobre o Tratamento analítico das Psicoses. *Análise Psicológica*, I, 4.

<sup>(12)</sup> F. Laplantine: op. cit.

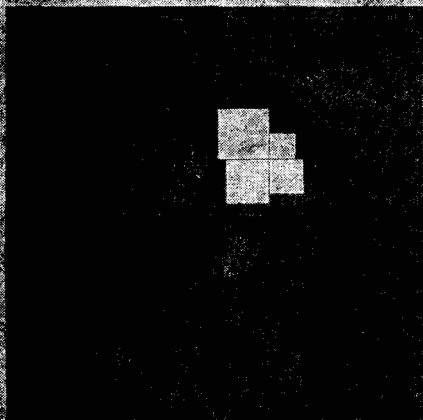
françois laplantine

## ETNOPSIQUIATRIA



maurizio andolfi

## A TERAPIA FAMILIAR



vega universidade



vega

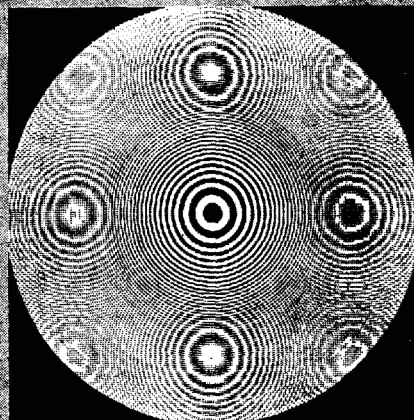
universidade

Uma colecção dirigida  
a estudantes e  
profissionais de todos  
os ramos das ciências.

Obras de qualidade  
integradas em secções  
orientadas  
por especialistas.

ronald fairbairn

## ESTUDOS PSICANALITICOS DA PERSONALIDADE



biblioteca de psicanálise



vega

Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8 — 1700 Lisboa — Telefone 73 00 75